

Crise política, *impeachment* e eleições municipais 2016: a cobertura do portal da Folha de S. Paulo¹

Eliane Grazielle ESTEVÃO²

Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais – PUC Minas³

Resumo

Diante do cenário político brasileiro atípico que marcou o ano eleitoral de 2016, o artigo tem como objetivo investigar o(s) enquadramento(s) adotado(s) pelo portal da Folha de S. Paulo na cobertura das eleições municipais 2016, da crise política e do *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), com base nas matérias publicadas em agosto de 2016. Parte-se da seguinte problematização: como o portal da Folha de S. Paulo enquadra suas coberturas das eleições municipais 2016, crise política nacional e *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), ao articular esses contextos e, desse modo, revela seu posicionamento editorial? A metodologia adotada é a análise de enquadramento. Conclui-se que o portal enquadrando as notícias de forma a enfatizar o declínio do PT e, assim, apresentou um posicionamento favorável ao *impeachment* e “antipetista”.

Palavras-chave: Comunicação Política; Eleições Municipais; Crise Política; *Impeachment*, Jornalismo de Portal.

1 Introdução

As eleições municipais de 2016 foram marcadas por um cenário político conturbado e polarizado em função da grave crise política no país que culminou no *impeachment* da ex-presidente da República, além das inúmeras denúncias de corrupção em âmbito nacional, cassações de mandatos, escândalos e prisões de líderes políticos.

Frente a esse panorama, o artigo tem como objetivo investigar o(s) enquadramento(s) adotado(s) pelo portal da Folha de S. Paulo na cobertura das eleições municipais 2016, da crise política e do *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), com base nas matérias publicadas na editoria Poder, no mês de agosto de 2016.

Além disso, o artigo se propõe a discorrer sobre a interface entre comunicação, política e eleições, de forma a apreender como se estabelece essa relação; abordar sobre jornalismo de portal, posicionamento editorial, caracterizar o portal da Folha de S. Paulo e o cenário atípico em que transcorreram as eleições municipais 2016. Também visa mapear em que momentos os termos “crise política” e “*impeachment*” de Dilma Rousseff (PT)

¹ Trabalho apresentado no GP Políticas e Estratégias de Comunicação do XVII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 40º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda do PPGCOM da PUC Minas. Bolsista CAPES - Taxa. estevaoliane@gmail.com.

³ O artigo é parte da pesquisa de mestrado, cuja dissertação em curso tem como título: “Crise política, *impeachment* e eleições municipais 2016: a cobertura dos portais Estado de Minas e Folha de S. Paulo”. O trabalho avança na discussão feita no artigo “Crise política e eleições municipais 2016: análise da cobertura jornalística no portal Estado de Minas”, apresentado no III Seminário Mídia, Política e Eleições, na PUC-SP, realizado em novembro de 2016.

comparecem nas matérias selecionadas. Por fim, busca refletir, com base nos enquadramentos identificados, sobre o posicionamento editorial e político explícito e/ou implícito do portal da Folha de S. Paulo na cobertura jornalística das eleições municipais 2016.

A proposta justifica-se pela singularidade do tema, que investiga a cobertura jornalística das eleições municipais 2016, as quais ocorreram em um cenário bastante específico, em meio a uma das mais graves crises políticas do Brasil, impactada pelo processo de *impeachment* de Dilma Rousseff (PT), fatos que mudaram os rumos do país, refletiram diretamente no cenário político e, conseqüentemente, nas urnas.

Trata-se de um momento de interseção, em que houve uma sobreposição de agendas políticas bastante expressivas. O primeiro turno das eleições municipais 2016 ocorreu no dia 2 de outubro, quando estava em curso o processo de *impeachment* de Dilma Rousseff, cujo julgamento final no Senado encerrou-se no dia 31 de agosto. Em paralelo, os casos de corrupção no governo federal, em decorrência da Operação Lava Jato⁴, ganhavam cada vez mais repercussão, com novos acontecimentos e envolvidos, o que acirrava ainda mais a crise política, econômica e social no país. Diversos trabalhos já foram publicados sobre a cobertura das eleições municipais, do *impeachment* de Dilma Rousseff e da crise nacional, porém, a articulação desses contextos reforça a particularidade deste estudo.

A escolha pelo portal da Folha de São Paulo deve-se ao fato de o veículo desempenhar um papel de destaque na imprensa nacional, pois é uma mídia vinculada a um dos maiores conglomerados midiáticos do país. Além disso, a sede do portal está situada em São Paulo que é o maior colégio eleitoral brasileiro, assim, as eleições municipais tornam-se ainda mais acirradas e têm uma relevância nacional. Optou-se pelo portal em detrimento do jornal impresso que leva o mesmo nome por entender que a internet apresenta especificidades que auxiliam a investigação, em termos de coleta de dados, e por se enquadrar em uma nova categoria que é o jornalismo de portal.

Em um panorama de turbulências no cenário político nacional, as eleições municipais praticamente foram relegadas a segundo plano. Devido às manifestações dos brasileiros contrários ao governo do PT, que tomaram as ruas do país em vários momentos, aumentou ainda mais o clima de insatisfação e a polarização política. Os protestos foram intensificados a partir de 2013, marcaram as eleições presidenciais de 2014, se estenderam ao longo de 2015 e repercutiram nas eleições municipais 2016. Lavareda e Telles (2016) fizeram alguns

⁴ A Operação Lava Jato é a maior investigação de corrupção e lavagem de dinheiro que o Brasil já teve, com estimativa de desvio de bilhões de reais dos cofres da Petrobras, maior estatal do país. Disponível em: <<http://lavajato.mpf.mp.br/entenda-o-caso>>.

prognósticos em relação às últimas eleições municipais que se confirmaram: menos reeleição, maior fragmentação e remoção do PT dos grandes centros.

Diante ao exposto, propõe-se a seguinte questão norteadora: como o portal da Folha de S. Paulo enquadra suas coberturas das eleições municipais 2016, crise política nacional e *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff (PT), ao articular esses contextos e, desse modo, revela seu posicionamento editorial?

Este artigo vai ao encontro do que debate o Grupo de Pesquisa, devido à abordagem multidisciplinar do tema, considerando-se, também, a análise das relações de poder que constituem a produção, distribuição, consumo, acesso e regulação de recursos da comunicação. Além disso, propõe uma reflexão teórico-metodológica e pesquisa aplicada, levando-se em conta elementos como a comunicação, democracia, mídia, poder, políticas de comunicação de um grupo midiático, por meio de seu posicionamento editorial, bem como por se configurar como uma temática emergente.

Após um breve estado da arte sobre a interface entre mídia, política e eleições, jornalismo de portal, será feita uma descrição do portal da Folha de S. Paulo e sobre posicionamento editorial. Na sequência, serão apresentadas a metodologia, as análises das matérias selecionadas e, por fim, as considerações finais.

2 Comunicação política: interface entre mídia política e eleições

Estudar o papel da mídia na cobertura das eleições, sejam elas no âmbito nacional ou municipal, implica em um investimento teórico dos estudos realizados na comunicação e política. Biroli e Miguel (2017) ressaltam que os estudos que tratam da relação entre mídia e política tiveram início a partir da eleição presidencial de 1989. Antes, eram poucas as pesquisas e essas passaram a integrar um campo interdisciplinar, em especial quando se trata dos períodos eleitorais como objeto de estudo.

Conforme esses autores, grande parte das pesquisas nessa interface se concentra em duas problemáticas: (1) a agenda definida pela “grande imprensa”, ou seja, os temas e enquadramentos predominantes, e a adesão a um ou outro candidato pela mídia, isto é, a visibilidade a temas e enquadramentos relativos a determinados candidatos, partidos ou governos no poder. No caso deste artigo, considera-se a primeira problemática.

Para Rubim (2002, p. 40) “o tema da relação entre eleição e mídia aparece hoje, sem dúvida, como um dos mais significativos para a compreensão das novas configurações

assumidas pela política na contemporaneidade, inclusive brasileira”. Isso porque, segundo o autor, sempre houve um imbricamento entre a comunicação e os embates eleitorais.

Devido ao poder e influência que os meios de comunicação exercem, pode-se comprovar a centralidade da mídia na sociedade, bem como na política. A mídia tem um papel importante, principalmente em regimes democráticos. Na contemporaneidade, fica mais evidente essa relação recíproca entre os campos da comunicação e política, o que é demonstrado neste estudo. Rubim (2000) afirma que a mídia ocupa um lugar importante para compreender esse momento específico da política, representado pelas eleições.

Muitas vezes, os meios de comunicação sofrem pressão de partidos políticos para terem um privilégio na cobertura dos candidatos. Por isso, a mídia tende a ser parcial em suas coberturas e, com frequência, favorece candidatos ou grupos dominantes. (AZEVEDO, 2003; NHANALE; RAPOSO; GEMUSSE, 2013). Deve-se considerar que, durante o período eleitoral, a mídia é a principal fonte de informações dos eleitores e alimenta a agenda sobre as eleições.

Mesmo que não se possa afirmar que a cobertura da mídia afeta o comportamento do eleitor, o enquadramento das notícias pode nos apresentar pistas sobre como os cenários são construídos pela imprensa. O conceito de enquadramento supõe que as notícias difundidas podem criar um panorama que orienta a leitura sobre um tema, o que pode vir a beneficiar alguns grupos vinculados àquela agenda. (TELLES; LOURENÇO; STORNI, 2011, p. 94).

É justamente o que se propõe a analisar por meio deste estudo, com o intuito de investigar como se procedeu em relação ao enquadramento das notícias divulgadas no portal da Folha de S. Paulo no período eleitoral de 2016, em um contexto de crise política e *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff.

3 Jornalismo de portal, portal da Folha de S. Paulo e posicionamento editorial

O jornalismo de portal teve início com a digitalização da informação e, ao longo dos anos, ganhou características próprias e diversos formatos. (BARBOSAa, 2002). De acordo com Barbosa (2003, p. 29), os portais são “páginas que centralizam informações gerais e especializadas, serviços de e-mail, canais de chat e relacionamento, shoppings virtuais, mecanismos de busca na *Web*, entre outros, e cuja intenção inicial é ser a porta principal de acesso a orientar a navegação do usuário pela WWW”.

Assim, de acordo com a autora, o jornalismo de portal se configura como uma nova categoria para o jornalismo em que as notícias em tempo real (as chamadas “últimas notícias” – *hard News* ou *breaking news*) passaram a modificar as rotinas das redações; além das divisões por editoriais/canais, com mais recursos agregados, como áudios, vídeos e simulações; bem como a alteração no conceito e formato da notícia. Barbosa (2003, p. 169) fundamenta que o jornalismo de portal é “marcado por uma dinâmica mais ágil, principalmente pela consolidação do modelo de notícias em tempo real ou tempo quase real”.

Diante desse contexto, o jornalismo de portal se configurou como a associação entre a informação noticiosa e o formato portal, em função dos elementos e/ou recursos que caracterizam o novo fazer jornalístico no ambiente digital, assim:

a memória, no caso das “últimas notícias”, é imediata, possibilitada pelo espaço ilimitado para armazenamento, sendo cumulativa: a atualização contínua, permitindo a veiculação mais ágil e instantânea; a hipertextualidade, estabelecendo a ligação através dos *links* entre as matérias ou blocos de texto relacionados e favorecendo o aprofundamento de fato; a interatividade entre a publicação e seu leitor/usuário, que pode e deve participar da produção dos conteúdos; e a disponibilização do áudio de entrevistas ou mesmo de gráficos, simulações ou vídeos (multimedialidade). (BARBOSA, 2003, p. 171).

A referida autora também salienta que o jornalismo de portal consolida uma característica intrínseca ao ambiente digital, que é a atualização contínua e em fluxo, além de alterar o formato da notícia, com textos mais fragmentados o que, conseqüentemente, modifica o conceito de notícia. Os portais disponibilizam, em geral, conteúdo próprio, produzido por equipes de jornalistas, muitos oriundos da mídia impressa. Entretanto, também compartilham materiais de agências de notícias, textos de colunistas ou, ainda, de parceiros.

A tendência de que os grandes jornais migrassem para o ambiente virtual já era esperada. Inicialmente, apenas faziam a transposição dos conteúdos das edições impressas para a versão *on line*. Depois, passou-se a produzir material específico para a internet, considerando-se as peculiaridades desse ambiente e a necessidade de novos processos produtivos e de circulação dos conteúdos (BARBOSA, 2002).

Assim aconteceu com a Folha de S. Paulo, que migrou para o ambiente virtual em 1995, com a estreia da FolhaWeb, projeto do Grupo Folha desenvolvido desde o final de 1994, com o intuito de disponibilizar os jornais do grupo na internet, inicialmente, com a estratégia de transpor o material da versão impressa. Depois, o FolhaWeb passou a agregar novas publicações e serviços e, em maio de 1996, uniu-se com a editora Abril, quando surgiu o Universo Online (UOL), que se tornou, também, um provedor de acesso. (SILVA JUNIOR,

2000, p. 215). No portal da Folha de São Paulo, o conteúdo na íntegra é disponibilizado apenas para assinantes. As notícias de política são postadas na editoria Poder.

No que diz respeito ao posicionamento editorial ou linha editorial, que representa a opinião de um veículo de comunicação ou de um conglomerado jornalístico, ressalta-se que “pode encampar as ideias de um grupo de pressão e fazê-la prevalecer dentro da construção de uma notícia. Ou seja, na construção da pauta e/ou do texto, o jornal pode dar mais voz ao grupo X em detrimento do grupo Y.” (VENANCIO, 2009, p. 21). Não basta apenas considerar que o veículo apurou os dois lados ou os vários lados da notícia, mas sim o espaço concedido a cada lado. Esse conceito vale tanto para jornais quanto para portais de notícia.

A Folha de S. Paulo é considerada o maior jornal do país e tem um forte histórico de jornalismo comercial. Ao longo dos anos, houve mudanças na linha editorial do Grupo Folha e adotou um modelo de “jornalismo pluralista e crítico, mas sem opinar nas notícias [...] Ou seja, ele não é o jornalismo comercial cru, mas uma nova fase de tal conceito que, segundo Abramo, estaria enraizado no conceito de ‘imprensa como partidos políticos’.” (VENANCIO, 2009, p. 17). Conforme o autor, a Folha, juntamente com outros veículos brasileiros, sofreu críticas com o rótulo de “imprensa golpista”, conforme nomenclatura criada pelo jornalista Paulo Henrique Amorim, PIG (Partido da Imprensa Golpista).

Segundo Venâncio (2009, p. 18), Perseu Abramo ressalta que o conceito de “‘imprensa como partidos políticos’ não significa que a imprensa está se organizando para derrubar o governo de direito”. Ao mencionar essa expressão estaria se referindo “ao processo em que a mídia entra em confronto com os partidos políticos pela representatividade dos anseios populares da sociedade”.

Quanto ao posicionamento político, “defende mecanismos que aumentem a transparência e a fiscalização por parte da sociedade.” Também afirma que “no que respeita a necessidade de uma reforma, pressão contínua pela melhoria da cultura política tende a ser mais efetiva que propostas mágicas” e endossa diversos pontos, como reformas políticas⁵. A Folha, comumente, manifesta seu posicionamento por meio dos editoriais na edição e impressa, os quais são publicados na coluna Opinião do portal.

4 Caminhos metodológicos

⁵ As informações sobre o posicionamento editorial do Grupo Folha estão disponíveis em: <<http://www1.folha.uol.com.br/poder/2014/02/1414326-o-que-a-folha-pensa-veja-os-principais-pontos-de-vista-defendidos-pelo-jornal.shtml>>. Postada na editoria Poder em 19/02/2014.

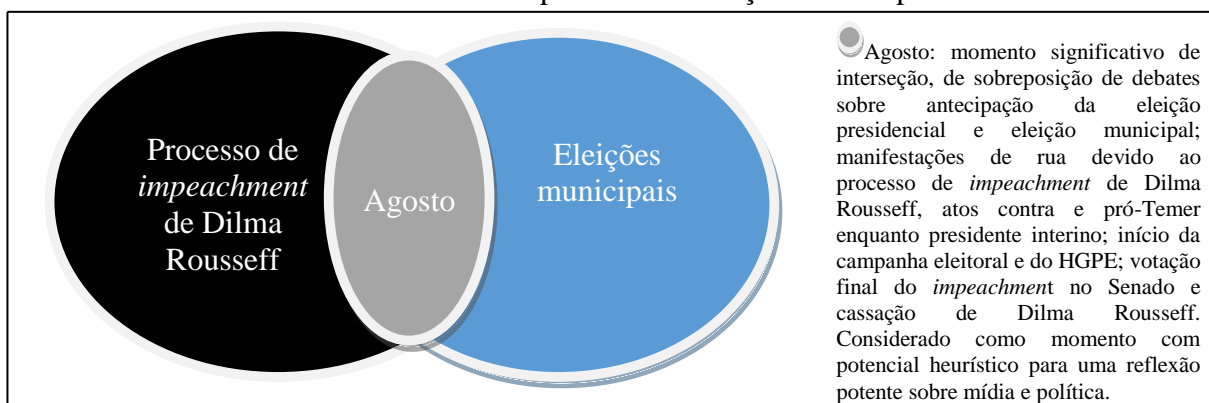
O *corpus* deste artigo é constituído por oito matérias⁶ publicadas na editoria Poder do portal da Folha de S. Paulo⁷. A seção divulga notícias, entrevistas, reportagens e análises sobre o que acontece na política em Brasília, em São Paulo e nos Estados.

Para delimitar um período específico para as análises, procedeu-se a uma exaustiva pesquisa exploratória. Como o foco da pesquisa é a cobertura das eleições municipais 2016 e a articulação com os contextos do *impeachment* de Dilma Rousseff (PT) e da crise política, verificou-se uma concentração das matérias em agosto, uma vez que foi o mês da votação final do *impeachment* no Senado (25 a 31/08) e da cassação do mandato de Dilma Rousseff, mas sem a perda dos direitos políticos, momento que pode ser considerado o auge da crise política nacional, a qual resultou na perda do poder pelo Partido dos Trabalhadores.

Além disso, agosto é visto como o “tempo da política”⁸ que “coincide com o início do HGPE. O eleitor fica mais atento aos candidatos e às notícias políticas, e a imprensa divulga com destaque os eventos de campanha e as pesquisas de opinião relativas às preferências do eleitorado.” (TELLES; LOURENÇO; STORNI, 2011, p. 97).

Conforme o novo calendário eleitoral para o pleito de 2016, do Tribunal Superior Eleitoral (TSE)⁹, agosto foi o mês de acontecimentos importantes como: prazo final das convenções partidárias (05/08); data limite registro de candidaturas (15/08); início da propaganda eleitoral (16/08); prazo final para impugnação de registro de candidatos ou para noticiar inelegibilidade (23/08) e início do período da propaganda eleitoral gratuita no rádio e na televisão – HGPE (26/08).

Gráfico 1 – Contexto político das eleições municipais em 2016



FONTE: A AUTORA, 2017.

⁶ Este artigo é parte da pesquisa de mestrado em curso. No total, 29 matérias compõem o *corpus* da dissertação, sendo 22 publicadas no portal da Folha de S. Paulo e 7 no portal Estado de Minas, objetos de estudo da pesquisa.

⁷ Disponível em: <<http://www.folha.uol.com.br/>>.

⁸ Conforme Telles, Lourenço e Storni (2011, p. 94), o “tempo da política” é a designação dada a partir da percepção de eleitores de quando a política é realizada, o que corresponde ao período eleitoral, no qual as campanhas são veiculadas e inicia-se a persuasão em busca de votos por parte dos candidatos em todos os níveis.

⁹ Resolução nº 23.450, de 03/12/2015. Disponível em: <<http://www.tse.jus.br/arquivos/arquivos/tse-instrucao-calendario-eleitoral-versao-consolidada>>.

Com base nesse contexto de crise política nacional e *impeachment* de Dilma Rousseff, no período que antecedia as eleições municipais, foram feitos levantamentos pelo sistema de busca na editoria Poder do portal da Folha de S. Paulo.

A pesquisa exploratória no portal possibilitou a definição de categorias de análise. Como um dos objetivos da pesquisa é mapear e analisar em que contexto aparecem os termos “crise política” e “*impeachment*” da ex-presidente Dilma Rousseff (PT) em relação ao pleito municipal de 2016, foram feitas buscas por essas palavras em articulação com o termo “eleições municipais”. Também procedeu-se à busca pelos termos isoladamente: “eleições”; “*impeachment*”; “crise”, além das palavras “Dilma” e “PT”. Essa inserção ocorreu porque, ao proceder a uma abordagem qualitativa, percebeu-se que, na correlação entre os termos pesquisados, muitas vezes, eles se sobrepõem e são usados, inclusive, como sinônimos, assim: crise = *impeachment* = Dilma = PT, no que diz respeito à circulação de sentidos.

Assim, as matérias foram selecionadas para análise conforme as categorias que serão apresentadas a seguir: (1) crise política e a relação com o descrédito nos políticos e partidos; (2) o uso do termo “*impeachment*” e não “golpe”; (3) antipetismo, uma vez que, segundo foi observado na pesquisa exploratória, *impeachment* = PT = corrupção (Operação Lava Jato), além de ser percebida nas reportagens uma ênfase ao declínio do PT e fortalecimento do PSDB. Para tanto, adotou-se como metodologia a análise de enquadramento.

Com base no recorte temporal definido, agosto de 2016, foram identificadas no portal da Folha de S. Paulo 22 matérias no contexto especificado; destas, foram selecionadas oito para este artigo, considerando-se o potencial heurístico para compor o *corpus* deste estudo e o teor do conteúdo para as análises, conforme a tabela a seguir:

TABELA 1 – Matérias filtradas na busca do portal Folha de S. Paulo

T		Título	Tema		Autoria	Observação
			Crise	<i>Impeachment</i>		
1	01/08/2016	Crise quebra alianças, e PT fica isolado nas eleições das capitais	X	X	João Pedro Pitombo (Salvador) Felipe Bächtold (São Paulo)	Matéria com <i>hyperlinks</i> . Apresenta um mapa sinalizando as capitais com candidatos pelo PT, destacando a cidade, o nome e a chapa. Mostra “A situação em algumas capitais”, com fotos dos candidatos pelo PT.
2	02/08/2016	PT diz em nota que não abandonou Dilma Rousseff		X	Catía Seabra (São Paulo)	Matéria com <i>hyperlinks</i> . Foto de Dilma Rousseff durante entrevista dada à Folha no fim de maio.
3	02/08/2016	'Se pensam que vão acabar comigo, estão enganados', diz Lula		X	João Pedro Pitombo Enviado especial a Natal	Matéria com <i>hyperlinks</i> . Faz parte de uma seção especial: “lava jato”, com subseções e <i>links</i> para outras matérias. Foto do ex-presidente Lula com o candidato em Natal Fernando Mineiro (PT). Infográfico sobre “Obstrução de Justiça” e galeria de

						fotos com “O sítio frequentado por Lula em Atibaia.
4	07/08/2016	Perto da eleição, políticos trocam de lado em São Paulo		X	Catia Seabra Giba Bergamim Bruno Fávero (São Paulo)	Matéria com <i>hiperlinks</i> . Faz parte de uma seção especial: “eleições 2016”, com subseções e <i>links</i> para outras matérias. Foto de Cândido Vaccarezza (PT), apoiador de Celso Russomanno (PRB).
5	08/08/2016	Eleição em Fortaleza vai opor PT e governador petista	X		João Pedro Pitombo (Salvador)	Matéria com <i>hiperlink</i> . Fotos da ex-prefeita Luiziane Lins (PT) e do prefeito Roberto Cláudio (PDT), apoiado pelo governador do PT.
6	10/08/2016	Petistas do Nordeste insistem em ter Dilma na campanha		X	Catia Seabra (São Paulo)	A matéria faz parte de uma seção especial: “o <i>impeachment</i> ”, com subseções e <i>links</i> para outras matérias. Foto de João Paulo, candidato em Recife.
7	13/08/2016	Na zona leste com Lula, Haddad diz que processo contra Dilma é golpe		X	Giba Bergamim Jr. (São Paulo)	Matéria com <i>hiperlinks</i> .
8	31/08/2016	Confira a repercussão do <i>impeachment</i> de Dilma Rousseff	X	X	De São Paulo	Matéria com <i>hiperlink</i> . Faz parte de uma seção especial: “o <i>impeachment</i> ”, com subseções, <i>links</i> para outras matérias, galeria de fotos de Dilma no discurso de defesa no Senado e quadro com o voto dos senadores.

FONTE: A AUTORA, 2017.

A seguir, as matérias serão analisadas conforme a metodologia de análise de enquadramento.

5 Crise política e *impeachment* no contexto das eleições municipais 2016: cobertura do portal da Folha de S. Paulo

Com base nas categorias de análise definidas na metodologia, as matérias foram analisadas com a exemplificação por meio de alguns trechos e observações que mostram a articulação dos contextos eleições municipais 2016, crise política e *impeachment* de Dilma Rousseff, bem como sinalizam a configuração do posicionamento editorial do portal da Folha de S. Paulo.

Um dos principais enquadramentos observados nas notícias é a ênfase no declínio do PT e nas consequências da crise política e do *impeachment* da ex-presidente Dilma Rousseff. Algumas matérias articulam os contextos, como o caso da notícia “Crise quebra alianças, e PT fica isolado nas eleições das capitais”. O enfoque foi como o Partido dos Trabalhadores iria “disputar sua primeira eleição pós-*impeachment*”. Para reforçar o “acentuado isolamento”, foram usadas expressões como “rompimento com partidos” e “rejeição de antigos parceiros”.

No texto, é destacado que as alianças do PT para as eleições municipais 2016 se restringiriam a “pequenos partidos” ou àqueles que se opunham ao *impeachment*. A declaração do secretário de organização do PT, Florisvaldo Souza, mostra que o partido reconhecia os fatores desse isolamento. Ele declara: “a crise política influenciou nas alianças e tomamos a decisão de priorizar partidos contrários ao golpe.” Esse trecho exemplifica outra categoria de análise: o uso do termo “*impeachment*” e não “golpe”; uma vez que a palavra golpe foi empregada na fala de uma fonte, como foi percebido nos demais textos. De modo geral, quando se faz referência ao termo golpe encontra-se na fala de algum entrevistado e geralmente entre aspas. O presidente do PT em Belém, Apolônio Brasileiro, também usou a expressão: “É um partido que apoiou o golpe”.

Nos enquadramentos, também foi salientado o rompimento entre o PT de Dilma Rousseff e o PMDB de Michel Temer. “O PT não terá o apoio nem apoiará o PMDB em nenhuma das capitais. Os dois partidos estarão juntos somente em Aracaju (SE), numa aliança em torno do PC do B”, cita a reportagem. Assim, dá-se destaque à polarização partidária.

Houve divergências até dentro do próprio Partido dos Trabalhadores, como cita a reportagem “Eleição em Fortaleza vai opor PT e governador petista”. A ex-prefeita Luiziane Lins (PT) foi adversária do prefeito Roberto Cláudio (PDT), que foi apoiado pelo governador petista. “A eleição para prefeitura de Fortaleza deverá colocar em polos opostos o governador Camilo Santana (PT) e o seu próprio partido”, diz a reportagem. A direção nacional do PT “liberou” o governador para subir no palanque do adversário do partido, que justificou estar retribuindo o apoio quando foi eleito em 2014. Outro assunto que merece destaque nas matérias analisadas é a pulverização partidária, como ocorreu em Fortaleza, que teve candidatos a prefeito de oito diferentes siglas. O mesmo se viu em outras capitais.

A crise interna no PT também foi destacada em outra reportagem. Com o título “PT diz em nota que não abandonou Dilma Rousseff”, o texto descreve que os militantes petistas já aguardavam a cassação do mandato da ex-presidente. Rui Falcão, presidente do PT, divulgou uma nota em que dizia “repudiar” a ideia de que o partido teria abandonado Dilma. Dirigentes do partido afirmaram à Folha que a ex-presidente não participaria de campanhas eleitorais, dedicando-se à sua própria defesa. Também reconheciam que a imagem de Dilma poderia “prejudicar candidatos do PT nas eleições municipais”.

A reportagem cita que petistas ficaram contrariados com o fato de, em entrevistas, Dilma “responsabilizar o PT pelo suposto pagamento ao marqueteiro João Santana com recursos de caixa dois”. Os dirigentes da sigla justificaram que “Dilma poderia se eximir de responsabilidade, mas deveria evitar transferi-la diretamente ao partido”. Na nota publicada

no site do PT, o presidente do partido “chama de ‘invencionices’ informações sobre o suposto abandono de Dilma” e que “essa é uma ‘versão forjada’ pelo que chama de apoiadores do golpe interessados na ‘continuidade do governo usurpador’ e por ‘setores da mídia monopolizada’”. Novamente a palavra golpe foi usada na fala de uma fonte do PT.

Outra categoria de análise definida como “antipetismo” foi identificada. A notícia “‘Se pensam que vão acabar comigo, estão enganados’, diz Lula” exemplifica essa categoria. O fato de ela se apresentar em uma seção intitulada “lava jato” já enfatiza isso, o fato de relacionar corrupção e *impeachment*. Nesse espaço, há várias subseções com links para que o leitor-internauta saiba os detalhes dessa operação.

A reportagem relata a declaração do ex-presidente Lula em discurso durante convenção que oficializou a candidatura do deputado estadual Fernando Mineiro (PT) à Prefeitura de Natal: “eu estou aqui tranquilo. Se eles pensam que vão acabar com Lula, estão enganados”. Ele negou ser dono do sítio em Atibaia e do apartamento de Guarujá, no Estado de São Paulo e disse que “inventaram” que ele seria proprietário dos imóveis¹⁰. A visita de Lula fez parte de uma agenda por três cidades nordestinas, principal reduto eleitoral do PT.

Ao lançar a candidatura de Fernando Mineiro, “Lula fez queixas de antigos aliados como o governador do Rio Grande do Norte, Robinson Faria (PSD)”, o qual recebeu o apoio do ex-presidente em 2014, mas o “traíu ‘no dia seguinte’”, ao apoiar o *impeachment* de Dilma Rousseff. A prefeitura de Natal era uma das principais apostas do PT para eleger prefeitos de capital, o que não ocorreu, pois Mineiro terminou a disputa em terceiro lugar. O prefeito eleito foi Carlos Eduardo (PDT).

Se por um lado alguns candidatos do PT não queriam a presença da ex-presidente na disputa eleitoral, por outro “Petistas do Nordeste insistem em ter Dilma na campanha”, como enfatiza a manchete do portal da Folha de S. Paulo. O deputado federal Paulo Fernando dos Santos, que concorria à Prefeitura de Maceió pelo PT, solicitou à Dilma Rousseff a gravação de uma mensagem para exibição na propaganda eleitoral. Foi chamado na matéria de “espécie rara”, por reivindicar a participação efetiva de Dilma, em pleno processo de *impeachment*. “Paulão” terminou a eleição como quinto colocado, o prefeito eleito foi Rui Palmeira (PSDB).

João Paulo, ex-prefeito do Recife, foi outro petista que contava com a presença efetiva de Dilma na campanha. “João Paulo diz que ‘Lula sempre teve peso grande’ em Pernambuco

¹⁰ Até a submissão deste artigo, Lula havia sido condenado em primeira instância a 9 anos e 6 meses de prisão por corrupção e lavagem de dinheiro pelo tríplex, conforme sentença do juiz Sérgio Moro, proferida em 13/07/2017, em Curitiba (PR). O TRF-4 (Tribunal Regional Federal da 4ª Região) é responsável por julgar, em segunda instância, a decisão.

e que Dilma o ajudaria”, diz a notícia. Ele foi para o segundo turno das eleições, mas perdeu para Geraldo Julio (PSB).

A categoria de análise que diz respeito à crise política e a relação com o descrédito nos políticos e partidos esteve presente nessa notícia. No caso, foi enfatizado o descrédito com o PT. “Mais frequentes no Nordeste, onde as gestões petistas são historicamente mais bem avaliadas, solicitações de uso de imagem de Dilma escasseiam em Sul e Sudeste, onde é mais alta a rejeição ao PT”, diz o texto. Questionados sobre a participação de Dilma nas campanhas pelo Estado de São Paulo, Fernando Haddad, que concorria à reeleição na capital paulista; Márcio Pochmann, então candidato do PT em Campinas, e Tarcisio Secoli, que disputou a prefeitura de São Bernardo, berço petista, não eram favoráveis à presença da ex-presidente na propaganda eleitoral. Nessas três cidades, os petistas foram derrotados.

Como esperado, as eleições municipais em São Paulo ganharam destaque no portal da Folha, por ser a cidade sede do veículo e o maior colégio eleitoral do país. A capital era administrada pelo petista Fernando Haddad, que tentava a reeleição, mas estava ciente da repercussão negativa do *impeachment* da ex-presidente. Na reportagem “Na zona leste com Lula, Haddad diz que processo contra Dilma é golpe”, cita que, no primeiro ato político na periferia, Haddad e o ex-presidente Lula fizeram discursos para salientar os feitos do PT na capital paulista, provocaram adversários, inclusive candidatos que trocaram o partido por outras siglas, e criticaram a imprensa por não divulgar as obras do então prefeito petista.

A notícia revela que Haddad “evita a expressão golpe, também a usou desta vez. O petista teria dito em entrevista que “a palavra golpe ‘é um pouco dura’ para descrever o processo contra a [ex-]presidente”. Na declaração de Haddad, foi mencionado que Dilma “sofreu uma conspiração de gente que traiu a confiança dela. Uma traição absurda de pessoas que estavam do lado dela e se voltaram contra ela”, o que reforça o afastamento de políticos em relação ao PT. E afirmou que “esta luta contra o golpe é uma luta a favor da democracia” e que “São Paulo precisa do PT, precisa continuar se desenvolvendo”.

Lula também “usou o espaço para falar do que chamou de golpe contra Dilma Rousseff”. Ele falou da necessidade de “combater o ‘ódio ao PT’ e reforçou o declínio do partido ao dizer que foi “disseminado durante o processo de *impeachment*”. Também atacou Michel Temer, chamando-o, indiretamente de “golpista”.

Haddad reconhecia que os casos de corrupção envolvendo o PT iriam atrapalhar sua candidatura e, como estratégia, buscou “fixar a imagem de prefeito que afastou os corruptos, com a criação da Controladoria do município”. A tática não deu certo e, como feito inédito, o petista foi derrotado por João Doria (PSDB) no primeiro turno.

Ainda nessa linha, a notícia “Perto da eleição, políticos trocam de lado em São Paulo”, publicada em uma seção especial “eleições 2016”, descreve que “a conturbação política atual produziu um fenômeno na disputa pela prefeitura de São Paulo dentro da lógica de que ninguém é de ninguém”. Houve um verdadeiro troca-troca: “tucanos ao lado da ex-petista Marta Suplicy (PMDB). Petista histórico flertando com o líder nas pesquisas, Celso Russomanno (PRB). Uma filha do presidente [então] interino, Michel Temer (PMDB), no palanque do prefeito Fernando Haddad (PT)”. Alberto Goldman (PSDB), ex-governador de São Paulo, declarou que não votaria no candidato do partido, João Doria. O ex-deputado Arnaldo Madeira disse que “um grupo de tucanos” anunciaria apoio a um adversário de Doria. No texto, foi destacado que “o PSDB rachou na escolha de seu candidato”. Essas divergências também confirmam a crise interna nos partidos às vésperas das eleições municipais 2016, que foram uma das mais turbulentas da história do país.

No dia da cassação do mandato da ex-presidente, 31 de agosto, foi publicada a reportagem “Confira a repercussão do *impeachment* de Dilma Rousseff”, em uma seção especial intitulada “o *impeachment*”, com subseções para que os leitores pudessem entender o processo. A notícia começa com uma série de expressões proferidas em uma carta aberta da Frente Brasil Popular, logo depois que o Senado aprovou o *impeachment* de Dilma Rousseff (PT). A frente, que reúne movimentos de esquerda, disparou “que a maioria dos senadores ‘dobrou-se à fraude e à mentira’ e impôs ‘governo usurpador’, ao aprovar ‘um golpe parlamentar contra a Constituição, a soberania popular e a classe trabalhadora’.”

Vários trechos da carta foram citados. O documento “convoca os que participaram das manifestações contra o *impeachment* a ‘resistir’ ao ‘governo golpista’”. Também contrária ao *impeachment*, Luiza Erundina, deputada e então candidata do PSOL à Prefeitura de São Paulo, declarou: “O povo brasileiro está de luto pelo atentado à democracia e inominável injustiça. A história registrará essa farsa como um golpe contra a soberania popular. A história é implacável ao julgar conspiradores, golpistas e traidores do povo.”

Em contraponto, a notícia apresenta declarações de apoiadores do *impeachment*, como o governador de São Paulo Geraldo Alckmin (PSDB) que disse: “o *impeachment*, não há como negar, é traumático”, mas “consolida o processo democrático”. Diz a notícia: “o partido Solidariedade, do deputado Paulinho da Força (SP), um dos principais alcoses de Dilma, comemorou o *impeachment* como ‘ponto final nos desmandos com o bem público’. O deputado culpou Dilma de levar “o país à mais grave crise de sua história”.

A reportagem da Folha também procurou outros movimentos e entidades, como a FecomercioSP (Federação do Comércio de Bens, Serviços e Turismo do Estado de São

Paulo), o MBL (Movimento Brasil Livre), a SRB (Sociedade Rural Brasileira) para se manifestarem sobre o *impeachment*, sendo que esses se mostraram favoráveis e criticaram a manutenção dos direitos políticos da ex-presidente. O deputado federal e então candidato a prefeito de São Paulo, Celso Russomanno (PRB), comemorou o *impeachment* e atrelou ao PT a culpa pela crise nacional. “Acho que daqui para a frente melhora a situação do país e essa crise tende a diminuir.”

Essa reportagem apontou o posicionamento editorial e político da Folha de S. Paulo em relação ao *impeachment*, pois o Grupo Folha mostrou, de diversas formas, principalmente em editoriais, que era a favor da cassação do mandato de Dilma Rousseff (PT), o que é reforçado por meio das vozes que falam nas notícias. Como nessa reportagem da repercussão do *impeachment*, as fontes, em sua maioria, foram favoráveis à cassação de Dilma.

6 Considerações finais

A crise política gerou e ainda tem gerado inquietação e insatisfação na sociedade, trouxe uma série de consequências e problemas que afetaram não só a economia do país como provocou mudanças culturais, de forma a alterar, inclusive, os hábitos dos brasileiros, que passaram a criar alternativas para driblar a crise. Não há dúvidas de que a crise culminou no *impeachment* de Dilma Rousseff. Além disso, a cobertura desses fenômenos contribuiu para reafirmar a centralidade dos meios de comunicação de massa na disputa política.

O portal da Folha de S. Paulo mostrou, por meio das reportagens, o posicionamento editorial do Grupo Folha de ser a favor do *impeachment* da ex-presidente. Mesmo mostrando os dois lados ou vários lados da notícia, deixou sobressair as opiniões em apoio à cassação do mandato de Dilma Rousseff. A capital paulista, onde é a sede da empresa, tinha um candidato petista que buscava a reeleição e as notícias sobre a disputa em São Paulo traziam, em sua maioria, os contextos da crise política e do *impeachment*, principalmente com ênfase ao declínio do PT na disputa municipal, como consequência do que ocorria no cenário político nacional. Assim, fica subentendido um posicionamento “antipetista”, pelo contexto desfavorável ao partido explícito de várias formas nas reportagens do portal. O próprio emprego do termo *impeachment* e o uso da palavra golpe sempre nas falas das fontes e entre aspas reforça essa hipótese. As análises serão aperfeiçoadas na dissertação em curso.

Referências

AZEVEDO, Fernando Antônio. Os jornais paulistas e a eleição municipal de 2000. In: CARVALHO, Rejane Vasconcelos Accioly de (org.). **A produção da política em campanhas eleitorais: eleições municipais de 2000**. Campinas, SP: Pontes; Fortaleza: Programa de Pós-graduação em Sociologia da Universidade Federal do Ceará, 2003.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo digital e a informação de proximidade: o caso dos portais regionais, com estudo sobre o UAI e o iBahia**. Dissertação. (Mestrado em Comunicação e Cultura Contemporâneas). Salvador (BA), 2002a.

BARBOSA, Suzana. **A informação de proximidade no jornalismo on-line**. Contracampo, Brasil, v. 7, n. 0, 2002b. Disponível em: <<http://www.revistas.univerciencia.org/index.php/contracampo/article/view/17/16>>. Acesso em: 27 nov. 2016.

BARBOSA, Suzana. **Jornalismo de portal: novo formato e categoria para o jornalismo digital**. In: MACHADO, Elias; PALACIOS, Marcos (orgs). Modelos de jornalismo digital. Salvador: Calandra, 2003. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/doc/117393289/Modelos-de-Jornalismo-Digital>>. Acesso em: 17 abr. 2017.

BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. Meios de Comunicação, preferências e voto no Brasil. In: BIROLI, Flávia; MIGUEL, Luis Felipe. **Notícias em disputa: mídia, democracia e formação de preferências no Brasil**. São Paulo: Contexto, 2017.

LAVAREDA, Antonio; TELLES, Helcimara de Souza. **A lógica das eleições municipais**. Rio de Janeiro FGV Editora, 2016.

NHANALE, Ernesto C.; RAPOSO, Egídio G. Vaz; GEMUSSE, Constantino Luciano. **Análise da Cobertura Mediática Eleições Autárquicas de 2013 - Moçambique**. Disponível em: <https://egidiovaz.files.wordpress.com/2013/11/apresentac3a7c3a3o-geral-do-relatorio-da-cobertura-dos-media_eleicoes-autarquicas-2013.pdf>. Acesso em: 15 mar. 2017.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. **Comunicação & Política**. São Paulo: Hacker, 2000.

RUBIM, Antonio Albino Canelas. Eleições e (Idade) Mídia. In: BARROS FILHO, Clóvis (org.). **Comunicação na pólis: ensaios sobre mídia e política**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

SILVA JUNIOR, José Afonso. **Jornalismo 1.2: características e usos da hipermídia no jornalismo, com estudo de caso do Grupo Estado de São Paulo (Dissertação de mestrado)**, Facom/UFBA, 2000. Disponível em: <http://gjol.net/wp-content/uploads/2012/12/2000_silvajr_dissertacao.pdf>. Acesso em 19 abr. 2017.

TELES, Helcimara de Souza; LOURENÇO, Luiz Cláudio; STORNI, Tiago Prata. Eleições de oposição, alianças sem partidos: o voto para prefeito em Belo Horizonte. In: LAVAREDA, Antonio; TELES, Helcimara. **Como o eleitor escolhe seu prefeito: campanha e voto nas eleições municipais**. Rio de Janeiro: FGV, 2011.

VENANCIO, Rafael Duarte Oliveira. **Jornalismo e linha editorial: construção das notícias na imprensa partidária comercial**. E-papers: Rio de Janeiro, 2009. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=jXTOzVYl-rUC&oi=fnd&pg=PA5&dq=linha+editorial+&ots=y6SIrZMiZp&sig=x9JKadcYjZwDE8bfhOK0w9XjhdQ#v=onepage&q=linha%20editorial&f=false>>. Acesso em: 10 jul. 2017.